

# monitor

# 31

ano IV  
Fevereiro 97  
III série

Entrevista com  
Louis Sclavis

Notícias de  
Tampére (2)

Death In June

Boletim Mensal Independente de Promoção de Novas Ideias, Concepções e Formas - Audio

**EMANEM**

Astreja  
Autechre  
Cro Magnon  
Derek Bailey  
Eugene Chadbourne  
Make-Up  
Panasonic  
Sa Zna





## A Ash International

acaba de editar o muito aguardado «Runaway Train». É o relato sufocante e voyeurístico de uma conversa entre o condutor de um comboio desgovernado e o seu controlador. O desastre é iminente e o que acontece no fim é ...

Com Nick Didkovsky no comando, os Doctor Nerve têm um novo (sexto) álbum. Intitulado «Every Screaming Ear», o disco surgirá no selo norte-americano

## Cuneiform.

Também nesta etiqueta surge «His Master's Bones» do saxofonista Gary Windo (bem) acompanhado por, entre outros, Steve Hillage, Lol Coxhill, Carla Bley, Robert Wyatt, Julie Tippet e Evan Parker.

Uma pequena mas importante «world-tour» de Manuel M. Mota, irá ter lugar nos próximos meses de Março e Abril. O músico português irá tocar dia 8 de Março com os God is My Co-Pilot em Nova Iorque no CBGB Gallery Space. Na Experimental Intermedia, no dia 15, outros

participantes a ele se juntarão. São eles: Tom Hamilton, Morgarr O'Hara, Volker Staub, Kaffe Matthews, Phill Niblock e Shelley Hirsh.

No dia 5 de Abril estará em Dortmund, na Alemanha, integrado no MeX, Intermediale & eXperimentelle Musikprojekte, iniciativa com ligações à fundação nova-iorquina

## Experimental Intermedia

e no dia seguinte actuará em Munster.

Surgiu no início de Fevereiro o número 8 da publicação espanhola

## Margen,

com alguns melhoramentos gráficos dignos de referência e destaques ainda mais aliantes. Cite-se, por exemplo, as entrevistas com Lars Hollmer, Peter Hammill, Forrest Fang, Woob, Roger Trigaux, Lázslo Hortobágyi e Richard Pinhas, para além das habituais críticas de discos, contactos e editoras.

A mais esperada novidade para Março da

## Mille Plateaux

é o disco «Reprovisers, The Snd Remixes». Ou seja, a remistura do álbum dos Microstoria de Markus Popp, dos Oval e de Jan St. Wernes. Os remisturadores de

serviço foram os seguintes: C-Schulz, Ui, Violent Geisha, Mouse On Mars, Oval, Stereolab, Jim O'Rourke, Christoph Heemann, Nicolas Collins e Christoph Charles. No outro lado do espelho electrónico está «The Köner Experiment»; uma homenagem explícita dos Experimental Audio Research (E.A.R.) de Sonic Boom, Eddie Prévost, Kevin Martin e Kevin Shields ao trabalho de Thomas Köner, cada vez mais uma referência na mundo do experimentalismo ambiental. Este remistura o disco com a ajuda do seu colega dos Porter Ricks, Andy Mellweg.

## A associação Musicalibre,

dedicada à promoção da música improvisada em Espanha, edita a revista «Hurta Cordel» e promove um festival com o mesmo nome. Chema Chacón, um dos dinamizadores desta iniciativa, realiza um programa de rádio semanal, intitulado «Música Difícil», na estação madrilenha RVK-Radio Vallekas.

## De Nova Iorque, a New World Records

anunciou algumas das suas edições para 1997. O destaque, para já, vai para «The

Open Air Meeting», disco de Richard Abrams e Marty Ehrlich.

Com participação como *special guest* em «Bar.B.Que Dali», o mais recente registo do projecto President's Breakfast (no estilo avant-dub dos Takhead e dos Material), Don Byron chegou em maré alta ao final de 1996. Não só ficou «No-Vibe Zone», em quinteto, editado pela Knitting Factory, como «Bug Music» — peças de Billy Strayhorn, Raymond Scott Quintette, John Kirby & His Orchestra e Duke Ellington Orchestra — na *major* (Warner)

### **Nonesuch.**

Thomas Dimuzio é um compositor/improvisador residente em São Francisco que já trabalhou com Tom Cora, 5UU's, C.W.Vrtacek e Chris Cutler.

Na sua discografia destacam-se os trabalhos «Markoff Process», na RRRRecords (1994), e «Headlock», em vinil, na Generations Unlimited (1990).

No próximo mês de Março, surgirá novo disco («Louden»), editado pela

### **Odd Size.**

O «14 ième Festival International de Musique Actuelle de Victoriaville», que irá ter lugar de

15 a 19 de Maio próximos, já tem agendadas algumas participações relevantes.

Considerado por muitos um dos acontecimentos internacionais mais importantes do ano, a

### **Productions Plateform,**

organização responsável pelo evento, não poupa esforços na escolha do elenco. Senão vejamos:

Dia 15 de Maio (quinta-feira): Boris Kovac e Jean Derome.

Dia 16 de Maio: CCMC (Michael Snow, Paul Dutton e John Oswald), Phil Minton Quartet, Fred Frith Quartet (com Mark Stewart, Nick Didkovsky e René Lussier) e Keiji Haino.

Para sábado estão previstas as actuações de William Parker Quartet, Irène Schweizer, Bobby Previte, Palinckx e Heiner Goebbels com o Nouvel Ensemble Moderne.

Domingo: Borah Bergman, Michel Doneda, Dagmar Krause, Rova x 8, L'Orkestre Des Pas Perdus e Univers Zero (refira-se que este será talvez o concerto da década, pois é a oportunidade de ver reunido, depois de 10 anos, um dos nomes mais importantes do movimento RIO — Rock in Opposition).

Para o último dia: Lee Ranaldo & William Hooker, Gastr Del Sol, Doctor Nerve e (imaginem)

Tortoise.

«Evolving Blush or Driving Original Sin» é o título de uma colaboração entre Keiji Haino e Peter Brötzmann. Também em duo, a voz de Haino junta-se a Barre Phillips para outro disco: «Etching In the Air». A editora responsável por estes trabalhos só poderia ser de origem japonesa. Falamos da

### **PSF.**

«Another Solo Album...?» é, como o próprio nome indica, mais um disco de Derek Bailey. A

### **Shock**

informa tratar-se de uma gravação de 1987 realizada em Tóquio, que estará disponível para o final do mês de Março.

Koji Asano é, para além de um músico autodidata, um editor/distribuidor dos seus trabalhos. Intitulado

### **Solstice Recordings,**

o seu selo possui, até ao momento cinco edições que abrangem um leque de sonoridades significativo. Os seus discos («Solstice», «Gravity», «Caffeine», «Celeste» e «Pheromone») vão da new-age à música contemporânea, passando pelas bandas-sonoras.

Charles Hayward participa num novo CD da

### Sub Rosa.

Intitulado «Bari>Italy Sessions», o disco — *creative microcosm and beating drums for a rare emotional experience* — inclui três faixas assinadas por Hayward e ainda alguns extractos do *forthcoming* de David Shea («Satyricon») e do projecto pró-ambiental, progressivo e soul, Nûs.

Entretanto, já circula por aí «Double Articulation», registo de misturas de «Folds & Rhizomes» com Oval, Main, Scanner, Mouse On Mars e, claro está, Shea.

Anna Homler tem pronto para edição um novo disco com o seu projecto Voices of Kwahn. Depois do CD «Silver Bowl Transmission», a etiqueta britânica

### Swarf Finger,

será a responsável por este trabalho.

A

### Tonesetters-vkh Vzw

editou novo disco de Gilbert Isbin. A solo (aliás, o título «Solo Works» é suficientemente esclarecedor), o

disco reúne peças para guitarra clássica e guitarra clássica preparada.

Subsidiária da Polygram, a **Verve**

prevê editar em Fevereiro os seguintes discos:

«At The Duc des Lombards» de Christian Escoudé, «Tryptical» de Ben Neill e «Beyond Missouri Sky» de Pat Metheny e Charlie Haden. Como curiosidade, refira-se que Josh, líder dos Spain e filho de Haden, participa também neste álbum.

Eugene Chadbourne e Paul Lovens já possuem em disco o registo do concerto realizado em Maio de 1996 no festival de Victoriaville. Intitulado «Patrizio», este CD foi agora editado pela

**Victo.**

Fundada em 1974 por Martin Davidson com o objectivo de editar música rejeitada por outras etiquetas, a Emanem surgiu pela necessidade de documentar a música improvisada, considerado o único processo de preservar, uma vez que qualquer outro tipo de notação alteraria o seu conceito original. Depois de ter editado, esporadicamente, 14 LP por três continentes, Davidson regressou a Londres e iniciou, com maior regularidade, uma colecção em CD. Actualmente com catorze edições — na maioria reedições relativas aos anos 70 —, a Emanem é, apesar de todas as circunstâncias, uma iniciativa condenada ao sucesso. Música improvisada no seu melhor, ou ainda, nova música não adulterada para um público que gosta do género. Cada disco é um «*labour of love*». Na maioria predomina a improvisação total. A Emanem não existe como moda mas como substância. É importante conhecê-la.

*Com que objectivos é que, em 1974, criou a Emanem ?*

**Martin Davidson** - Fui sempre um grande entusiasta da música e um coleccionador de discos. Por este motivo, e ainda pelo facto de muitos dos meus amigos serem músicos, decidi tornar-me editor. Senti que havia muita música de qualidade que, se não ficasse documentada, poderia cair no esquecimento.

**A Emanen lançou discos nos três continentes. É capaz de esclarecer ?**

Bom, isso foi consequência de algumas experiências que tive. Em 1976, por exemplo, resolvi emigrar para os Estados Unidos por achar que as perspectivas editoriais no mercado americano eram mais vantajosas. Achava que as hipóteses eram muitas... infelizmente esqueci alguns considerandos antes desta tomada de decisão. Os distribuidores (intermediários) não cumprem, e nem sequer se preocupam em cumprir, os prazos de pagamento. Por isso vivi uma situação financeira verdadeiramente dramática. Só em 1982 é que consegui escapar dela. Regressei a Londres mas o punho de ferro de Thatcher não agorava grandes alternativas, por isso experimentei Sydney. Depois de alguns anos, senti que trabalhar na Austrália também tinha os seus contras, especialmente porque acabava por estar muito isolado. Acabei por regressar a Londres.

**Se a dado momento fosse abordado por alguém interessado em iniciar-se, como mero apreciador, na música improvisada, como é que o auxiliaria ? Quais seriam as suas sugestões ?**  
Manter o espírito aberto. Não esperar nada de familiar.

**Planos para o futuro ?**

Ganhar a lotaria nacional, ou se isso não acontecer, continuar como até aqui. Este ano penso reeditar um concerto do Spontaneous Music Ensemble de 1974, com John Stevens, Derek Bailey, Kent Carter, Evan Parker e Trevor Watts. Quero reeditar «Gentle Harm of the Bourgeoise», disco a solo de Paul Rutherford, e lançar,

pela primeira vez, peças de Rutherford registadas entre 1972 e 1973 com o seu projecto de 12 músicos — Iskra 1912 — que incluía Maggie Nichols, Norma Winstone, Kenny Wheeler, Trevor Watts, Evan Parker, Howard Riley, Derek Bailey, Barry Guy e outros.

#### CATÁLOGO EM CD:

**Derek Bailey** - «Domestic & Public Pieces»: Gravações de 1975 a 1977 registadas em estúdio caseiro com Bailey a improvisar em guitarras acústica e eléctrica.

**Evan Parker & Paul Lytton** - «Three Other Stories»: A inacreditável incursão de Parker (em saxofones e instrumentos tradicionais e *home-made*) e Lytton (em percussão e electrónica) aos mundos de John Coltrane, John Cage e dos monges tibetianos. Gravações de 1971 a 1974.

**Spontaneous Music Ensemble (SME)** - «Face to Face»: Com John Stevens em percussão e voz e Trevor Watts em saxofone soprano, este disco resulta de um espectáculo gravado em 1973 no Little Theatre Club, em Londres. A etiqueta define-o como música não repetitiva fundamentada pelo minimalismo e pelo essencial.

**Steve Lacy** - «Weal & Woe»: Gravado em Avignon em 1972, «Weal» regista uma das primeiras performances a solo da carreira de Lacy, interpretando peças originais. Quanto a «Woe», surge como bónus, com Lacy integrado numa formação com Steve Potts, Irene Aebi, Kent Carter e Oliver Johnson.

# Emanen

por Paulo Somsen

**SME** - «Summer 1967»: Mais um documento importante recuperado para o formato CD. Com Peter Kowald.

**Anthony Braxton & Derek Bailey** - «First Duo Concert»: Datada de 1974 e registada num concerto organizado pela Emanen, esta foi uma das edições mais aclamadas pela crítica. Atendendo aos músicos envolvidos, não restam dúvidas do porquê.

**Paul Rutherford & Paul Rogers** - «Rogues»: Sensacional concerto para trombone e contra-baixo por dois grandes expoentes do respectivo instrumento. Gravada em 1988, a peça de abertura é um claro exemplo da *sustained extended improvisation*.

**SME** - «Hot & Cold Heroes»: Disco que reúne peças registadas ao vivo e em estúdio, entre 1980 e 1991. Com John Stevens, Roger Smith e Nigel Coombes. E ainda:

**E. Parker & P. Lytton** - «Two Octobers»

**J. Russel & Roger Turner** - «Birthdays»

**John Carter & Bobby Bradford** -

«Tandem 1» + «Tandem 2»

**Derek Bailey** - «Lace»

**Roger Smith** - «Unexpected Turns»

## Louis Sclavis: «O mais importante para mim é o grupo»

por Chema Chacón\*

Louis Sclavis, músico francês revelado nos anos 70 pelo saudoso grupo «free» Workshop de Lyon, é hoje considerado um dos mais importantes improvisadores da Europa. Dotado de grande técnica no manejo dos clarinetes e dos saxofones, o seu currículo dá conta de um infundável rol de presenças nos mais diversificados contextos artísticos. Foi, em tempos, o impulsionador da Association À La Recherche D'Un Folklore Imaginaire, e encontramos-lo agora situado entre o jazz e a música de câmara contemporânea. Durante alguns anos, seguiu as pisadas de outro exímio soprador que nunca reconheceu fronteiras estilísticas, Michel Portal, mas depressa conquistou um lugar próprio. Tem novo disco, «Les Violences De Rameau» (ECM) e está para breve a edição, pela portuguesa AnAnAnA, de um CD dos Telectu em que é um dos convidados de honra, a par de Jac Berrocal.

### **O que significa o jazz para si?**

Creio que é o género musical mais importante do século, dando lugar, a partir do seu «ponto de impacto» ou de irrupção na música, a uma infinidade de correntes. Pertença a uma delas. Se o jazz

não existisse, talvez eu tivesse encontrado mais dificuldades na decisão de me tornar músico. O jazz é tão generoso que todos lhe podemos acrescentar alguma coisa e todos somos por ele acolhidos sem que avalie se estamos ou não longe desse «ponto de impacto».

### **Onde se situa, na diversidade do jazz actual?**

Não sou eu quem tem de o dizer. Haverá gente que põe limites ao que é jazz, mas isso não me preocupa. O jazz não é um problema para mim. Não me cabe situar-me, até porque não tenho de o fazer necessariamente no jazz, tenho é de me situar em relação a toda a música. Mais inteligente seria até que me situasse na história da arte ou da humanidade, porque antes de ser um intérprete de jazz sou um músico, um artista e um ser humano. Não me interessa situar-me na história do jazz.

### **Quando faz uma homenagem a Duke Ellington, como no disco «Ellington In The Air», o que pretende, então?**

A música de Ellington tem muitos parâmetros que me são próximos: as características do som, a transcendência da sua música, o trabalho colectivo, a grande abrangência de que dá conta, juntando épocas diferentes, a importância da individualidade dentro do grupo... Count Basie, por exemplo, pareceu-me mais ligado à música e ao jazz do seu

tempo. Para mim, o mais importante é o grupo em que se toca. Formei, para o efeito, o ideal: um sexteto. Esse projecto esteve na origem de «Les Violences De Rameau», onde tento combinar escrita e improvisação com base na obra de Jean Philippe Rameau, compositor francês do século XVIII.

### **Ao longo da sua carreira, fez música para dança, teatro, cinema e, mais invulgar, exposições/projecções de fotografia. Ficou satisfeito, com esse tipo de realizações?**

Procuro noutros artistas as mesmas preocupações que eu tenho em determinado momento, e se elas existem tentamos chegar a um ponto de convergência que justifique a realização de um trabalho conjunto.

### **Que receptividade tem a música improvisada em França?**

Não sei muito bem o que é «música improvisada». Há quem utilize a improvisação para formular uma estética muito diferente daquela a que habitualmente se designa como tal. No meu entender, não há grande diferença entre escrita e improvisação. Trata-se, em ambos os casos, de composição; só a ferramenta é diferente. Há 15 anos, a música improvisada apresentava-se como um movimento. Hoje são os indivíduos, as músicas personalizadas, que importam verdadeiramente. A improvisação não

7

define nada. Pode haver maior proximidade entre Ligeti e um improvisador do que entre dois executantes de música improvisada. É verdade que há mais músicos, agora, que utilizam a improvisação para criar, assim como há um público interessado pelo que eles produzem. O resultado, por vezes, distancia-se bastante do jazz. Fazem-se presentemente tantas experiências a este nível como se faziam nos anos 70. Músicos de áreas diversas encontram-se e tornam possíveis situações em que a improvisação é muito importante. A ruptura entre o público e os artistas é, no entanto, um facto e as causas estão nas produtoras de concertos e nas organizações culturais, que não programam este tipo de actuações por manifesto desinteresse. A excepção são os festivais, infelizmente cada vez em menor quantidade, que dão alguma atenção a estas músicas. O seu futuro depende não da criatividade, que essa existe, mas da existência de locais para se desenvolverem. **Qual é a sua opinião sobre os termos «contemporâneo» e «popular»?**

Considera-se geralmente que uma nova forma de música é necessariamente esotérica, pelo que, não interessando à maioria das pessoas, não é popular. Ora, isto é um juízo de intenções. Ataca-se com o mesmo argumento toda e qualquer manifestação que pareça intelectual. Não

há formas de expressão que sejam mais ou menos populares, a única coisa que as torna populares é o meio, o comportamento dos artistas quando comunicam com o público. Picasso não é menos «popular» que Velazquez. Em qualquer forma de arte, o problema reside na iniciação das pessoas, porque o interesse, a curiosidade, esses vêm antes, precisam é de ser cultivados.

#### **Que importância dá ao ensaio?**

Ensaio imenso. Dos ensaios é que surge a noção de como se deve trabalhar. Além disso, aperfeiçoam a escrita e a interpretação e facilitam a capacidade de improvisação. Pratico às vezes improvisação livre com o violoncelista holandês Ernst Reijseger. Antes da sessão, nunca falamos sobre o que vamos fazer. Improvisar tornou-se para nós uma casualidade e isso só se consegue, como eu disse, com muito ensaio.

\* Tradução e adaptação de Rui Eduardo Paes da entrevista publicada no n.º 6 da revista espanhola «Margem»

## Notícias de Tampere (2)

por Loubet Simões

Após a primeira noite de festival repleta de emoções, o segundo dia afigurava-se mais calmo. Mas há sempre lugar para surpresas!

Dividido em duas partes, o segundo dia foi o mais preenchido, com seis grupos no palco. Da primeira parte, decorrida durante a tarde, constaram **Marilyn Crispell, Otomo Yoshihide & Tenko** e os **Witches and Devils**. Na segunda parte, realizada durante a noite, actuaram os **Rollin' Thunder, Iva Bittová e Yves Robert Quartet**. Por «motivos pessoais» (\$\$), a opção recaiu no alinhamento da tarde, com alguma pena, visto não ter assistido ao concerto da excelente cantora e violinista Iva Bittová, comparada por muitos a Meredith Monk, Lisa Gerrard e Dagmar Krause.

Pontualidade finlandesa a quanto obrigas, e às 14h em ponto já me encontrava no Tullikamari para quase cinco horas de música. Uf!

Há seis anos, os dedos mágicos de Marilyn Crispell encantaram Tampere, num famoso duo com o extraordinário baterista Paul Motian. Desta vez, decidiu-se pelo concerto a solo. Considerada por Anthony Braxton a melhor pianista do mundo a seguir a Cecil Taylor, Marilyn Crispell ofereceu-nos um concerto de rara beleza, conseguindo alternar da melhor forma

trechos de inspiração clássica com divagações *free* bastante inventivas. Ótimo para início de tarde.

Do Japão veio a grande surpresa: Otomo Yoshihide acompanhado da mais importante cantora japonesa da improvisação, Tenko. Manipulando dois gira-discos, um sampler e um CD portátil, Otomo criou autênticas bandas sonoras para as divagações vocais de Tenko, que navegava, sobre o desfilar de sons sem rumo definido, resultando em hora e meia de grande arrojo estético. Diferente e excelente. A mesma opinião não teve o público finlandês, pouco dado a radicalismos nipónicos, a ver pela debandada em massa, em direcção ao bar, à medida que o concerto ia evoluindo.

A finalizar esteve a banda de Mars Williams e Ken Vandermark, os Witches And Devils. Estes dois saxofonistas integraram o famoso Hal Russell NGR Ensemble, que visitou o Tampere Jazz Happening em 1990, integrados na homenagem a Albert Ayler. Com os Witches And Devils, a palavra improvisação ganha contornos bastante anárquicos, tal a confusão sonora que irrompe do sexteto. Os saxofones, bastante musculados, abafam-se um ao outro, dando a noção de que cada um toca para si mesmo. Demasiada energia desperdiçada em vão. Para minha total estupefacção, os Witches And Devils

tiveram direito ao primeiro encore do festival!! Decididamente, o público suomi e eu não nos entendemos!

Estava na hora de mais uma investida nocturna pela cidade, repleta de bares lindíssimos.

Finalmente, chegámos ao terceiro e último dia do festival. A oportunidade de se poder assistir a nomes como Bill Laswell, Paul Schütze e Raoul Björkenheim, reunidos no mesmo palco, não deixou ninguém indiferente. A sensação que pairava no ar era de alguma excitação. Mas já lá iremos.

A abrir estiveram os suecos **Gush**. O grupo é conhecido por já ter actuado com personalidades tão ilustres como Derek Bailey, Eugene Chadbourne e Chris Cutler, entre outros. Relacionados a nomes tão incontornáveis quanto estes, as expectativas eram algumas. Mas foram, a meu ver, infundadas, visto a actuação destes suecos ter sido uma verdadeira «seca». Admito ser defeito meu não conseguir atingir o amãgo deste tipo de jazz, demasiado «free» e soporífero para o meu gosto, mas a paciência tem limites!

Falemos do que realmente interessa: os **Phantom City**.

Depois de terem tido conhecimento do extraordinário processo que rodeou a gravação do álbum «Site Anubis», a Imprensa especializada não perdeu tempo em considerar os Phantom City como a

primeira banda virtual do mundo. O cérebro por trás de todo o processo é Paul Schütze. A máquina foi posta em andamento quando Schütze enviou uma cassette a Bill Laswell, para que este idealizasse umas linhas de baixo sobre o material já gravado. De Laswell a cassette seguiu para o baterista Dirk Wachtlaer e para o guitarrista Raoul Björkenheim. E assim para todos os outros músicos, até Schütze possuir o material necessário para a elaboração final.

Em Tampere, os Phantom City deram o seu segundo concerto, tendo o primeiro ocorrido na cidade de Berna, em Março de 1996. Sobre este concerto, Björkenheim afirmou que, do material tocado, só algum se baseou no álbum, tendo tudo o resto sido «música puramente instantânea».

Facto confirmado neste espectacular concerto que, segundo fonte fidedigna, terá sido gravado para posterior edição, a sair em breve.

Os Phantom City quase pulverizaram o Tullikamari, tal foi a avalanche sónica sentida. Laswell esteve imponente, com o baixo a abalar as estruturas do edifício; o trompete processado, à Miles Davis, de Toshinori Kondo gritava por cima de um ritmo tribal do quarto mundo — a lembrar Jon Hassell —, orquestrado por Schütze; a guitarra de Raoul Björkenheim arranhava o som global. Tudo junto resulta num som avassalador e hipnótico, fechado mas



magnífico, de ritmo e de força. As músicas desfilarão umas atrás das outras sem interrupções até ao final, que surgiu de todo inesperado, tal o transe em que nos encontrávamos. Inesquecível!

Mal feito da fantástica hora proporcionada por Schütze & companhia, já entrava o **Gerry Hemingway Quintet**.

Fundado há onze anos por Gerry Hemingway, o quinteto, para além deste, alberga músicos de elevada craveira como Michael Moore e o assombroso contrabaixista Mark Dresser. Integrado na digressão, que tem como principal objectivo a divulgação do último álbum, de nome "Perfect World", o Quintet fechou com chave de ouro o Tampere Jazz Happening. Jazz de primeira qualidade, por vezes tocando a fronteira da música de câmara contemporânea, que — imagine-se! — teve, mercedamente, direito ao segundo encore do festival! Proeza rara por estas gélidas bandas.

A reter, fica a certeza de que, mesmo com escassos meios, mas muita vontade e arrojo estético na escolha dos intervenientes, sem olhar obcecadamente a lucros financeiros, é possível organizar um excelente e eclético festival de jazz moderno. Na mesma altura do Tampere Jazz Happening, realizou-se em Portugal o Festival de Jazz do Seixal. Vejam-se as diferenças.....

## Non vs. a Vã Glória de Mandar

por José António Moura

### Morte em Junho em Janeiro

No dia 11 de Janeiro foram os Death In June, em memória de tempos idos. Para quem assistiu (e quem não assistiu) ao despretencioso concerto de Tony Wakeford no ano transacto, perspectivava-se uma noite de intensa magia, alimentada por todo o imaginário esotérico que caracteriza os Death In June e projectos acólitos: Strength Through Joy, KAPO!, Scorpion Wind e, num outro plano, Non. Objectos de culto e um Culto em si próprios, Douglas Pearce e colaboradores difundem uma mensagem de carinho por valores ancestrais de uma Europa Prometida, desgraçada pela intromissão e influência determinante da cultura ocidental. É na Europa do Meio e nos seus bosques que se reconhece a chave e — perdoem a redundância — a solução final para a vida do homem em sociedade. Imagens de austeridade, autodisciplina, a lei do mais forte, o Amor puro, para os Death In June a Europa, como está, estará sempre a caminhar para o abismo e aos seus seguidores é proposto um modelo de profundo desencanto. Ainda e sempre, pensa-se na Revolução que deve iniciar-se por dentro,

aqui dentro (o dedo indicador pousa na ténua), quando nós descobrimos que seguir uma evolução própria significa guardar distância de ideias avaras que tudo querem para si. Não se entenda com isto que os Death In June impõem qualquer ideologia, ninguém poderá acusá-los de tal. Hoje em dia é perfeitamente ridículo invocar o fantasma do totalitarismo para caracterizar este tipo de abordagem à música (pensem também nos Laibach) — qualquer ser pensante tem a opção de escolher levar ou não a peito as ideias propostas.

A lotação esgotada (400 bilhetes vendidos) indica que não só essas ideias apelam a um público mais jovem (digamos, o lado negro da questão) como continuam a cativar quem há quase dez anos aguardava por um concerto dos Death In June. Em ambos os casos, e note-se que isto é uma generalização, observa-se nas pessoas um tradicionalismo bafiento.

### Grupo Depressão

Atormentados não só por um som horrível mas também por constantes e irritantes problemas técnicos, os cinco músicos (mais o engenheiro de som) demonstraram impávido profissionalismo, arrancando aplausos à assistência rendida (dois momentos chave: quando Douglas P. destapa o rosto e aquando da interpretação de «C'Est Un Rève»). A música, lamento, foi quase sempre

mediocre, baseada na cadência marcial (e não tribal) da percussão e nas guitarras enjoadas, iguais e outra vez iguais. Não se esperava arrojo, ninguém esperava arrojo, mas a verdade é que a música de Death In June tem um ar gasto e cansado, espelho do ar gasto e cansado de John Murphy e Douglas P., após a abertura das luzes, já com os instrumentos a serem retirados do palco. Foi completamente anulada a imagem de imponência que procuraram transmitir durante o concerto, ao usarem uniformes e botas militares, máscaras SM e ao adoptarem uma atitude excessivamente marcial. Ridiculamente marcial.

### Movimento dos Não-Alinhados

Depois Boyd Rice ficou sozinho em palco, logo acossado por mais um problema sonoro. Aconteceu então a mutação, enquanto alguns técnicos tentavam solucionar o problema. Boyd Rice (de uniforme camuflado) pede desculpa ao público, desaparecendo do palco para logo regressar com uma folha branca na mão. Contou uma história sobre arquitectura e o menino Jesus, ilustrada com dobras e rasgões na folha, terminando esta com a forma de cruz. A história era de um humor fantástico e foi impecavelmente contada, Boyd Rice revelando-se um *entertainer* na senda de Henry Rollins e Jello Biafra. A noite ia,

então, começar, e eu consegui finalmente sorrir. Tinha chegado o ruído, produto quase exclusivo da voz, submetida a um processador e um pedal de efeitos. Non estava na casa! As péssimas condições sonoras obstaram a um ruído de grande qualidade, mas a intensidade do volume e a figura humana em meio ao fumo injectavam um saudável bem-estar. Foi forte e breve, terminando com a pergunta/resposta «DO YOU WANT... TOTAL WAR? YES YOU WANT... TOTAL WAR!» repetida diversas vezes. Non foi o bom bocado da noite, e foi precisamente isso que agradei a Boyd Rice quando lhe apertei a mão.

**Nota:** uma palavra boa para a organização (Symbiose), que continua a apostar em concertos marginais e que realizou um esforço titânico para satisfazer os requerimentos dos músicos.

## Deathssauru June

por Loubet Simões

Por vezes existem acontecimentos que, embora desfasados temporalmente, não deixam de ser bem-vindos. Convém serem realçados. Para mais quando o marasmo impera no que concerne à realização de concertos.

Com cerca de dez anos de atraso, relativamente ao seu período áureo, tivemos finalmente a possibilidade de assistir ao concerto dos Death In June & companhia, realizado no passado dia 11 de Janeiro na Caixa Económica Operária.

Para muitos foi o concretizar de um sonho, alimentado ao longo de todos estes anos de culto, para outros, nos quais me incluo, foi uma noite bastante bem passada.

O cenário era o esperado. Exceptuando uma ou outra cor, o negro dos trajes imperava, destacando-se aqui e ali alguns «zorros», vindos directamente dos anos 80. Tudo isto, englobado no espaço muito próprio da Caixa, conferiu ao concerto uma áurea «underground», adequada ao estatuto das bandas.

Incubidos de aquecer os ânimos, o duo Strength Through Joy nada trouxe de novo ao denominado Dark Folk, destacando-se unicamente a excelente actuação do vocalista. A cerimónia começou verdadeiramente com os KAPO! Estes não são mais do que Douglas P., trajado militarmente e incógnito por debaixo de

uma máscara de tragédia grega, os dois Strength Through Joy e John Murphy — antigo colaborador dos Current 93 e dos Krank —, envergando um traje sado-maso. Com uma sonoridade bastante próxima dos primeiros tempos dos Death In June, os KAPO! ofereceram-nos um ritual marcial à base de percussão, que não foi tocada, mas sim ostensivamente martelada. Retirada a máscara grega, surgiu um Douglas P. já a caminho do entradote, e com ele os Death In June, que vieram restituir a calma com algumas das suas belas melodias acústicas. Como seria de esperar, a maior parte dos clássicos foram revisitados, alguns de forma fabulosa, nomeadamente «Fall Apart» e «C'Est Un Rêve», que finalizou a actuação. Se quisermos analisar racionalmente esta música, a conclusão a que chegamos é a de que estamos em presença de uma forma de composição totalmente simplista e básica. Mas há vezes em que o básico soa de uma forma muito bela — e ainda bem!

Terminada a actuação dos Death In June, foi a vez do gigante Boyd Rice aparecer, com a cabeça tapada pelo capuz do seu fato militar de operações na selva, para, juntamente com Douglas P. na guitarra acústica, tentar declamar os textos do seu projecto Scorpion Wind. Tentativa falhada, visto a sua voz não ter sido ouvida, o que originou um momento perfeitamente monótono. Saindo Douglas P. e os outros

músicos, ficou Boyd Rice a solo, desta feita como Non. Ai, os problemas técnicos, já ocorridos por diversas vezes ao longo das outras actuações, agravaram-se ao ponto de Boyd Rice ter de assumir um papel a que não deve estar muito habituado: o de *entertainer*!! Bastante nervoso, contou uma anedota que girava à volta da construção da cruz onde Cristo iria ser crucificado, para gáudio dos amantes dos fenómenos das trevas. Ultrapassados os problemas técnicos, Non presenteou-nos com aproximadamente trinta minutos de *noise* produzidos pela sua voz, que era tratada por um processador. O concerto terminou da melhor maneira com o tema «Total War» a ser-nos martelado na cabeça, quase até aos limites do suportável.

Depois de já nos terem oferecido um memorável concerto de Jorge Reyes, no saudoso bar da FAUL, a Simbiose está mais uma vez de parabéns. Com bastantes dificuldades, sendo de realçar o facto de terem conseguido todos os instrumentos necessários em cima da hora, pois os músicos não trouxeram nenhum! Têm conseguido, ainda assim, proporcionar-nos noites diferentes. E agora, Luis Carlos, quem se segue? Os Current 93 ou os Autechre?

## Autechre

«Envane»

[mini-CD Warp, 1997]

são só frases

Pela primeira vez tornaram explícita a sua descendência da cultura sonora *hip-hop* e *electro*, numa peça chamada «902 Quarter», puxando por ritmos crus, secos e concretos como betão, acrescentando *scratch* de apoio como medida estética. Os temas desenvolvem-se como manifestações físicas pouco dóceis, isto é, pouco amigas do ambiente, rudes e não muito educadas mas com uma pureza instintiva arrebatadora. Estão a ser sentimentais em «Draun Quarter». Não podem ser imitados como a pop, não podem ser estudados como os clássicos. Desde muito cedo, em 1994 (com o EP «Basscadet»), que os Autechre não dão temas seus para outros remisturarem. Eles remisturam os outros.

Se a electrónica é uma comodidade que, confortavelmente, define a era pós-musical (ainda é música aquilo que ouvimos?), então os Autechre funcionam para a pós-musicalidade no sentido em que encaram a electrónica como «pares de mãos adicionais que permitem fazer mais do que se consegue só com as próprias mãos».

Com Autechre sabe-se sempre quem são.

[JAM]

## Cro Magnon

«Bull?»

[CD Lowlands, 1997]

Os Cro Magnon são uma espécie de supergrupo da nova música alternativa oriunda do jazz e do rock sediada na Bélgica. Pelo menos foi essa a ideia que a Lowlands nos quis fazer passar: contando no seu seio com membros dos Fykkeduk e dos X-Legged Sally e ainda com Geert Wageman, justamente enaltecido pela sua colaboração com Anna Homler. Como muita gente (eu incluído) desconhece o anterior disco do grupo, «Zapp», gravado já há quatro anos, é com um interesse comparável ao de uma estreia muito aguardada que recebemos o digipack «Bull?».

Desde já se diga que não foi uma expectativa vã a que rodeou este disco. No entanto, quem estava à espera do cruzamento entre a corrosão transgressora dos X-Legged Sally e a ironia devastadora dos Fykkeduk, sofrerá uma forte desilusão, o que de forma alguma significa que a qualidade ou o interesse das propostas seja menor. Trata-se apenas de dirigir os ouvidos noutra direcção... Ao contrário dos grupos anteriormente citados, os Cro Magnon assentam fundamentalmente nos instrumentos de cordas. Na sua formação estão três violinistas (entre os quais o já referido Geert Wageman e que é sobretudo um

multi-instrumentista), um baixista e apenas um saxofonista. Os restantes sopros (trompete, trompa, clarinete) participam apenas em temas isolados a par da percussão, do violoncelo e das vozes. O resultado desta profusão de instrumentos de cordas aproxima-se bastante das sonoridades dos Art Zoyd, que são imediatamente evocados pelas semelhanças na abordagem heterodoxa à música de câmara; mas também, do ponto de vista formal, se detectam pontos de contacto com o estranhamente injustiçado grupo da Lowlands, Everything is Slow, que têm igualmente membros seus a participarem neste projecto, sobretudo pela mistura de ambientes, estilos e intenções, muitas vezes contraditórios, quase sempre surpreendentes. Para além de Rik Verstrepen, violinista dos Fykkeduk e autor de quase metade dos temas aqui presentes, impõe-se de forma avassaladora a personalidade de Geert Wageman. Da sua capacidade técnica, do seu hibridismo militante e do seu espírito criativo, resultam os pontos fortes de «Bull?». Ultrapassada a expectativa inicial de quem esperava uma revisão aumentada e fortalecida das novas sonoridades provenientes da Bélgica, fica um disco inegavelmente sedutor pela sua irreverência e pelo desafio permanente a quaisquer tipos de classificações e/ou compartimentações. Em suma, é o primeiro disco importante que ouvi este ano.

[JS]

## Derek Bailey

«Guitar, Drums'n'Bass»

[CD Avant, 1996]

## Eugene Chadbourne

«Boogie With The Hook»

[CD Leo Records, 1996]

A música improvisada estimula os músicos à descoberta dos valores que contextualizam socialmente a prática musical. Só assim poderão individualizá-los para construírem a sua validade expressiva — a sua voz própria. Como a música é uma linguagem que se significa a si mesma, as linguagens pessoais traduzem as experiências de cada músico e significam a vivência e o enriquecimento que o improvisador constrói ao disponibilizar-se a para improvisar.

Assim, em «Guitar Drums'N'Bass», é a capacidade de apreensão de novas ideias que nos impressiona, a procura «despreconceitualizada» do estímulo sonoro.

Por ser aparentemente oposta ao *drum'n'bass* — um dialecto funcional conceptualmente pobre baseado na repetição — a improvisação dele absorve a energia e a força rítmica. O carácter mecânico do *drum'n'bass* amplifica os detalhes da guitarra, que se sobrepõem às *malhas* rítmicas do DJ Ninj. Alternando entre momentos de grande energia e

pontuações de notas com grande sustém, é surpreendente o groove que a guitarra constrói, quando este parecia ausente da linguagem de Bailey.

Não é um disco de fusão, pois não há qualquer vontade de incorporar ou fundir; é só uma viagem conjunta com uma forma musical que excluía a guitarra eléctrica.

Já no disco de Eugene Chadbourne sobressai outro dos aspectos essenciais do acto de improvisar e que é a procura do instrumento e a valorização da singularidade do momento. O disco contém duetos com Derek Bailey, Han Bennink, Charles Tyler, Volcmar Verkerk e John Zorn.

O primeiro tema é um bom exemplo da relação do músico com o momento/instrumento: a caixa de cartão da pizza do jantar é o instrumento de Bennink, e a resposta de Chadbourne é a interpretação de «Whisky And Woman» de John Lee Hooker. No duo com Derek Bailey a improvisação começa na voz, num diálogo desconexo, e estabelece-se no banjo e na guitarra. Nas improvisações encontramos o banjo e guitarra mega-blooster-high-speed-country-rock-blues-hard-bop-jazz, típicos de Chadbourne, bem como momentos de grande abstracção com Zorn, e uma grande investigação sobre as possibilidades do banjo, patentes no diálogo com Volcmar Verkerk.

[GF]

## Make-Up

«Destination: Love; Live! At Cold Rice»

[LP/CD Dischord 1996]

Em matéria de revivalismos modernos, não temos andado nada mal servidos, não senhor. Uma vaga *ethno-america* tem assolado vários descendentes do gramofone por este mundo todo pintado de Ocidente. Estou a pensar em Jon Spencer e na sua máquina recicladora da neura que provavelmente mais escalas de guitarra produziu na história da música popular; nos Mule e nos Palace Music que urbanizaram o country e, assim, acrescentaram novas dimensões ao seu universo representacional; nos Man or Astroman? e a sua evocação obsessiva de motivos ligados à «série B» mais *bubble-gum* dos idos anos 50.

Mas há um caso muito especial entre esses: o dos Make-Up. Um disco, apenas. Intitula-se «Destination: Love; Live! At Cold Rice» e foi, já se vê, integralmente registado ao vivo, não fosse perder-se boa porção da sua energia por tortuosas pistas. O que até é raro para primeiro registo. Não fizeram nada mal, digo-vos já, tal a catártica dimensão da sua música. E aqui fala-se muito implicitamente de rock'n'roll e de punk-rock e de soul e de funk e de outros estrangeirismos mais; tudo cabe no seu «gospel yeh-yeh sound» porque a tudo se tenta chegar. Tenta-se tudo evocar.

É por estas e por outras que «Destination: Love» constituirá, talvez, um belo paradigma de um disco de rock 'n' roll — ou lá o que lhe quiserem chamar — enquanto pastiche. Bem sei que para alguns não é propriedade da música o condão de significar o universo experienciável (estou a pensar em Claude Lévi-Strauss, muito particularmente). Não se trata, contudo, de discussão para este espaço — nem tão pouco devo ser eu a mantê-la. O que se passa em «Destination: Love» é um tanto diferente: trata-se de um disco que evoca outros discos. Acontece em «Here Comes The Judge», onde o tema «Bullets Proof Cupid» dos Girls Against Boys — antigos companheiros de editora, nos tempos em que 3/4 dos Make-Up ainda se reuniam sob o nome de Nation Of Ulysses — é magistralmente evocado; ou quando em «They Live By Night» se evocam os Sonics com liceal descaramento. Registe-se, então, a ideia: um disco onde inevitavelmente outros discos se cruzam com novas possíveis leituras. «Destination: Love» é, na minha opinião, antes de mais, um espaço mimético de constante evocação, de resistência às taxinomias, e, por via disso, de significação dos próprios registos que são evocados. Remete para outros discos, outras músicas, na igual medida em que os convoca. É a minha opinião, que se quer bem longe de uma visão autoritária. Mas pode muito bem ser

uma pista a ter presente em futuras audições de «Destination: Love», sem pretender, todavia, domesticar — impossível! — qualquer abordagem à fúria revivalista dos Make-Up. Depois, cada um que cuide de si.

## [CBM]

### Panasonic

«Kulma»

[CD Blast First, 1996]

Mais um Panasonic a aparecer são e salvo de uma máquina de medição de impulsos vitais — o ritmo cardíaco, que é o mesmo em Finlandês como em Português. Fabrico caseiro e mais: a lei da retirada estratégica. Os sons retirados estrategicamente, colocados estrategicamente, a única lei obedecida sendo a das máquinas, a estética *aargh!* de quem, já sabem, cresceu com o Spectrum e gosta daqueles laboratórios repletos de botões redondos lindos de morrer (ver fotografia no interior) e «robots» com um sorriso. Que se tragam os sons sem fios até à cabeça, e se eles nada transmitem de poético é porque o seu mundo se calhar não é poético. O que se presencia em «Kulma», como no álbum

anterior («Vakio», 1995), é o som electrónico em habitat natural, mas agora com a familiaridade já se sente o hábito das máquinas, e já não é nada de novo — o problema crónico de quem procura novos sons (o segundo álbum, seja de que grupo for, tende a soar antigo — veja-se Tricky). Blast second! ao segundo, agora façam as contas para 61 minutos.

## [JAM]

### Sa Zna

«Into Oberland»

[CD Leo Records, 1994]

### Astreja

«Music From Davos»

[CD Leo Records, 1992]

Música? Os elementos do projecto Sa Zna preferem utilizar o termo «escultura sonora» e, de facto, as construções auditivas que encontramos nos seus temas gravados nada têm a ver com as convenções musicais vigentes. Isso é verdade, também, no caso do quarteto Astreja, onde encontramos três nomes da composição contemporânea como Sofia Gubaidulina, Mark Pekarsky e Victor Suslin, a primeira com uma muito celebrada actividade na música para orquestra com contornos «clássicos». De facto, tanto no caso de «Into Oberland» como em «Music From Davos», as

intervenções operadas têm um semelhante carácter de «bricolage» dos sons e uma igual opção pelo integralismo acústico — tanto assim que as peças de ambos os trabalhos, executadas ao vivo, foram captadas por microfones colocados nos respectivos locais de actuação (o palco do Festival Internacional de Davos no caso dos Astreja, na galeria de arte Vebikus, em Schaffhausen, na Suíça, no dos Sa Zna) e não através de sistemas de som, o que lhes confere, aliás, uma deliciosa sensação de espaço.

O interesse prioritário dos músicos e artistas sonoros envolvidos é característico das novas músicas da segunda metade deste século: a exploração dos sons a partir do seu interior. Diferentemente do que é prática comum, porém, uns e outros remetem-nos constantemente para o património cultural, musical e sonoro da Rússia e regiões circundantes, aquelas que até há pouco fizeram parte da União Soviética. Os Astreja — completados pela cantora cigana Valentina Ponomareva, com percurso feito nas áreas do jazz e da livre-improvisação —, utilizam mesmo instrumentos tradicionais, alguns deles originários da Ásia Central, presume-se que para um complemento de exotismo que alguma coisa terá a ver, também, com o conhecido fascínio russo pelo Oriente. Os Sa Zna, por sua vez, recorrem às harmonias do canto religioso ortodoxo. Daí que seja bastante evidente a dimensão



«folk»/popular dos dois álbuns, ainda que evitando qualquer possibilidade de folclorismo ou citação. O fascínio destas edições da activíssima Leo Records está, até, na reformulação dos códigos e das capacidades de instrumentos conotados com outros usos, pelo que de certa forma são reinventados, na linha do que Mauricio Kagel propôs em «Exótica». Este posicionamento leva os Astreja e os Sa Zna (sobretudo estes) a incluírem nas suas parafernalias objectos não-musicais. O princípio é o mesmo do «ready-made» nas artes plásticas: fazer «leituras» alternativas de materiais já existentes, para o efeito os «instrumentos», no sentido próprio e no figurado, e os sons em si mesmos. Pelo que ficou dito, não se espere destes títulos o abstraccionismo sónico da generalidade da «sound art». «Music From Davos» e «Into Oberland» foram realizados, além do mais, sob o signo da improvisação, e esta, como se sabe, age por reminiscências, isto é, pela recorrência de figuras muito específicas.

[REP]

### Steve Reich

«City Life» [CD Nonesuch, 1996]

A peça-título insere-se na linha de «Different Trains» (1988) e «The Cave» (1993), com a diferença de agora a electrónica ser em tempo real. Das duas outras peças do disco, «Nagoya Marimbas», para duas marimbas, é uma memória reeditada das aventuras dos anos 70, enquanto «Proverb», pelos Theatre Of Voices dirigidos por Paul Hillier, reafirma a vertente coral reichiana. Para os iluminados que acreditam que Reich ainda não se banalizou.

### David Cunningham

«Voice Works» [CD Piano, 1996]

O mentor dos Flying Lizards reemerge sempre independente. Ao criar a sua própria etiqueta permite-nos contemplar o seu trabalho mais antigo e mais recente. Este disco considera a voz como elemento unificador submetido a tratamento de estúdio mas sem jamais dar a impressão de se utilizar um processo eminentemente tecnológico. Reconhecíveis as angulosidades típicas de David Cunningham, que neste processo se dilatam consideravelmente.

### Intermission

«Song of Low Songs» [CD BvHaast, 1996]

Um quarteto, o mais inesperado, na sua organização instrumental: três contrabaixos, o holandês Wilben De Joodle, o americano William Parker, o japonês Kideji Taminaka — e um saxofone baixo cujo pavilhão acumula uma tarola tocado(a) por outro holandês, Klaas Kekman. Uma viagem radical ao domínio dos graves, espécie de colaboração de instrumentos/instrumentistas aos quais normalmente estão confiados papéis de acompanhamento.

### J. A. Deane

«Nomad» [CD Victo, 1995]

Um conjunto de peças funcionais para um coreógrafo cúmplice, Colleen Mulvihill, põe em questão este trombonista que veio do circuito art-rock da West Coast e se deixou fascinar pela improvisação e pela manipulação electrónica em tempo real. Aproximamo-nos do conceito de escultura sonora, mas o seu autor vai mais longe, comparando a música com estados: a peça nunca se altera, as nossas perspectivas, sim.

### Ulan Bator

«2» [CD Disques du Soleil et L'Acier, 1996]

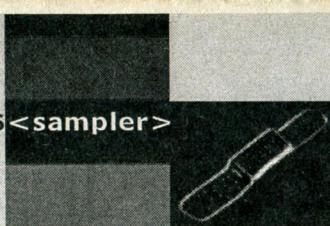
O trio francês cujo nome é a capital da Mongólia parece querer afirmar o mesmo distanciamento em relação a linhas dominantes. Amaury Cambuzay, Olivier Manchion e Franck Lantignac utilizam máquinas e instrumentos convencionais para construir uma música que é rock, mais que qualquer outra, explicitando opções tórridas em que experimentalismo e a improvisação têm papel activo, inseridas no actual movimento pós-rock.

### Kletka-Red

«Hijacking» [CD Tzadik, 1996]

Mais um salutar excesso de John Zorn que, na sua *label* e na série «Radical Jewish Culture», possibilitou a este trio (os guitarristas Leonid Soybelman e Andy Ex e o baterista samplador Tony Buck) gravar uma surpreendente manipulação de música punk-rock inspirada na tradição da música klezmer judia. Aqui, irreverência é palavra vã.

## Pedro Ivo Arriegas <sampler>



### **Crístian Vögel**

«Specific Momentific» [CD Mille Plateaux, 1996]

O futuro é já hoje. Quem o proclama é a poderosa maquinaria electrónica, por trás da qual se impõe o chileno Vögel como um dos mais interessantes criadores de *techno*. Por entre a dura solidez da proposta assomam ainda alguns resquícios de uma humanidade em acelerada extinção.

### **Vários**

«Enforcers Above The Law» [CD Reinforced, 1996]

Do classissismo *hard-step* ao arejado *ambient drum'n'bass*, novas pistas para seguir a evolução dos acontecimentos na frente mais dinâmica da música actual, com Goldie, Lemon D, Tek 9, Nookie e Leon Mar/Arcon 2 celebrando em simultâneo o 100º lançamento da Reinforced. Histórico, portanto.

### **Ressonator**

«Telharmonium» [CD Ninebar, 1996]

É caso para desconfiar quando o *trip-hop*, já de si uma tipologia fruto da promiscuidade dos géneros, é ainda assolado pelos mais variados estímulos: Morricone, *dub*, música global, canto gregoriano e sermões religiosos, etc. Mas conseguir que tal fusão soe sobremaneira convincente é decerto obra de mestre.

### **Sidewinder**

«Colonized» [CD Mille Plateaux, 1996]

Kevin Martin e Justin Broadrick, habituais colaboradores nos Ice, Techno Animal e God, prosseguem implacavelmente a sua obsessiva viagem pelos domínios da repetição hipnótica, da dureza marcial dos ritmos e da brutalidade inaudível do ruído.

### **Paul Schütze & Andrew Hulme**

«Fell» [CD 7°, 1996]

A perfeita comunhão entre a componente orgânica e telúrica da música dos O Yuki Conjugate de Hulme e o exotismo tribal de Schütze. Envolve-nos atmosferas, que nada ficam a dever ao melhor de cada um dos componentes, onde a descoberta do pormenor é vertente essencial.

### <grafonola>

### **He Said**

«Hail» [CD Mute, 1986]

Bruce Gilbert e Graham Lewis (integrantes dos Wire) em fase pós-Dome e Duet Emmo, exibindo as suas reconhecidas capacidades para outros andamentos e prenunciando as suas actividades actuais. Um dos discos «pop» mais elegantes da década passada.

### **Ash International**

13 Osward Road  
London SW17 7SS  
Inglaterra

Ash@touch.demon.co.uk

### **Bvhaast**

99 Prinseneiland  
1013 LN Amsterdam  
Holanda

### **Emanem**

3 Bittacy Rise Mill Hill  
NW 72 HH  
Inglaterra

Martindavidson@unn.unisys.com

### **Leo**

The Cottage  
6 Anerley Hill  
London SE19 2AA  
Inglaterra

### **Lowlands**

Hoornstraat 6  
2000 Antwerpen  
Bélgica

Lowlands@innet.be

### **Margen**

c/o Rogelio Pereira  
Arcade de Arriba 31  
36690 Arcade  
Pontevedra  
Espanha

### **Musicalibre**

C. Barriónuevo 37  
Villamanta  
28610 Madrid  
Espanha

kase@arannet.com

### **New World**

701 Seventh Avenue,  
New York, NY 10036,  
EUA

### **Odd Size**

24 Rue de Laghouat  
75018 Paris  
França

### **Soleil et L'Acier**

38 rue des Soeurs Macarons  
54000 Nancy  
França

### **Solstice Rec.**

301, 4-25-13 Kita-Shinjuku  
Shinjuku-Ku  
Tokyo 169  
Japão

Koji-rab@pa2.so-net.or.jp

### **Sub Rosa**

45 Avenue de Woluwé  
Saint Lambert  
1200 Brussels  
Bélgica

### **Tzadik**

61 East 8th Street  
Suite 126  
New York, NY 10003  
EUA

### **Victo**

C.P. 460  
Victoriaville  
Québec G6P 6T3  
Canadá

**monitor**  
Editores

Rui Eduardo Paes  
Paulo Somsen

**Colaboradores  
neste número**

Pedro Ivo Arriegas || Chema Chacón || Gonçalo Falcão || Carlos Branco Mendes || José António Moura ||

Rui Neves || Jorge Saraiva || Loubet Simões

**Contacto** || Apartado 21671, 1137 Lisboa Codex  
**Assinaturas** || 12 números 2.000\$00

em cheque ou vale postal, em nome de  
«Monitor», para despesas logísticas e de portes  
Tiragem 500 exemplares